



Desonerar a produção

Economia forte depende de mercado interno dinâmico

GAZETA MERCANTIL

Tenho a mais firme convicção quanto às perspectivas futuras do nosso país. Ladeado pela China e Índia, constituir-se-ão, num horizonte de 15 a 20 anos, em potências econômicas de primeira grandeza, equiparadas aos hoje integrantes do G7, tidas como as economias mais desenvolvidas do mundo.

Os recursos naturais de que dispomos, se adequadamente explorados, sustentarão em grande parte o tão almejado crescimento, reservando ao agronegócio importante contribuição. Nessa área, contamos com todos os ingredientes necessários. Vasto território agricultável, os melhores níveis de densidade pluviométrica e infiltração solar, pesquisa e desenvolvimento de primeiríssima qualidade – ressaltá-se o magnífico trabalho desenvolvido nessa área pela Embrapa –, e o essencial, hábeis empreendedores dessa rica atividade, o agronegócio. E não há a menor dúvida de que seremos um dos grandes players a saciar a fome do mundo.

Por conta dos recursos naturais, temos ainda as dinâmicas e prósperas áreas de mineração, papel e celulose, o petróleo que caminha celeremente para a auto-suficiência e, ato contínuo, com excedentes exportáveis, o manejo sustentável de nossas florestas, também como fonte inesgotável de riqueza.

Por outro lado, o Brasil dispõe de vasto e diversificado parque industrial que, com raríssimas exceções, supera a au-

to-suficiência e gera apreciável volume de excedentes exportáveis, tanto de bens de consumo como de bens de capital, que vão dos semi-elaborados aos produtos com elevada agregação de valor.

Na mesma balada caminha a promissora área de serviços que, de um modo geral, supre as demandas internas e que precisa também ocupar algum espaço no mercado internacional. Nessa área há ainda grande lição de casa por fazer: refiro-me ao setor de turismo, em cuja área

A participação do País no comércio mundial representa tão-somente 1%, muito pouco para quem gera o 12º maior PIB do mundo

praticamente ainda engatinhamos, tamanho o seu potencial.

Com todos esses atributos e potencial, em que pesem os festejados superávits comerciais alcançados nos anos recentes, a participação brasileira no comércio internacional representa tão-somente 1%, muito pouco para quem gera o 12º maior PIB do mundo.

Diante de tamanhas oportunidades, o crescimento da economia brasileira tem sido muito pequeno. E não há como imaginar melhor desempenho sem que se encaminhe, de forma responsável, as reformas estruturais de que tanto necessitamos. Dentre elas, reformas

que desonem a produção em toda a sua extensão – este talvez seja o único país do mundo onde se paga pesados tributos para gerar postos de trabalho.

Não há como imaginar uma economia forte e sustentável sem um mercado interno dinâmico, efervescente. É preciso restabelecer urgentemente o poder de compra do consumidor brasileiro. Exportar, em detrimento do consumo interno, faz pouco sentido. Precisamos, sim, do superávit comercial, do equilíbrio do balanço de pagamentos; todavia, sem privar o acesso dos brasileiros a bens e serviços.

Precisamos, de um lado, gerar mais postos de trabalho, elevando o volume de renda da massa de trabalhadores, incrementando, dessa forma, o consumo. Por outro lado, é imprescindível reduzir os extenuantes encargos sociais, repassando parte dessa redução diretamente aos salários, outra parte para reduzir os custos e conseqüentemente os preços, como forma de acelerar o processo de restabelecimento do poder de compra do consumidor brasileiro.

Propiciar maior dinamicidade ao mercado interno e trabalhar exaustivamente na conquista de novos espaços no mercado internacional é primordial. Para tanto é preciso, definitivamente, desonerar a produção, se é que desejamos, verdadeiramente, gerar emprego, renda e divisas para o nosso país.